

# Impressões de uma branca sobre o curso NEAB

**Lilian Zimbardi**

Creio que minha colaboração, em relação às impressões que tive no curso, é insipiente diante das reais vivências dos participantes negros no curso, mas gostaria de relatar a experiência de uma branca que é contra as posições racistas que levam ao processo de exclusão do negro. Então quero falar um pouco da branquitude crítica, ou seja, aquela que se refere ao indivíduo ou grupo branco que desaprova publicamente o racismo.

Inicialmente fiquei chocada quando, em uma das aulas, a professora disse que um branco nunca poderá lutar como um negro que sentiu na pele a dor do racismo. Senti-me como se estivesse sendo excluída do processo de luta, mas depois entendi a questão do racismo estrutural e que, de fato, nunca sentirei na pele o que um negro passa. Fala tão óbvia da qual ainda não me tinha apercebido. Em verdade posso me sentir como mulher, que sofre as consequências do machismo, ou, em função de minha idade, sentir o preconceito sobre esta questão, posso até vivenciar outros processos de exclusão, mas não esse. No entanto, isso não impede que eu tenha um pensamento crítico em relação às questões raciais e que queira me posicionar politicamente sobre o fato. Nem tão pouco me desautoriza a querer aprofundar meu conhecimento sobre a questão para ter um melhor engajamento, através de divulgação da questão ou outras atitudes que possam colaborar com o antirracismo.

No início do curso, pensava que, no Brasil, a questão racial era muito mais social do que em relação à raça. Acreditava, com meu pensamento de branca e ignorância, que um negro com elevada posição social não sofreria tanto preconceito, no entanto, a partir do filme trazido por Flávia e Sandro e depois sendo adicionadas outras falas, vi que esse contexto é mais um em que os brancos e as forças dominantes sociais se inserem para dizer que o preconceito é mais social do que racial e, desta forma, abafar os movimentos de luta racial. Neste sentido, muito me comoveu a fala de uma colega, de quem não sei o nome, que me declarou que, mesmo estando no mestrado, sofria preconceito, processo de exclusão e humilhação. Eu realmente acreditava que um negro com mestrado ou doutorado sofreria menos a dor do racismo.

Sim, sou branca ou talvez não e não saiba, já que meu cabelo liso não é tão liso assim, mas não é por isso que vou deixar de querer me somar a esse grito dos negros corajosos, lutadores, inteligentes e especiais que tantos ensinamentos nos trazem. Afinal, se ideologicamente sou a favor de uma sociedade mais justa, como posso me calar diante de tantas injustiças? Como posso deixar de buscar enxergar meus próprios pensamentos imbuídos dessa hegemonia que sequer por vezes percebo? Como posso me calar?

## Seção Treinel

Essa é a pequena contribuição que posso dar diante de tantos aprendizados que tive e que nem todos estão colocados nessas poucas expressões e impressões escritas. Na verdade, o que se somou ao meu ser individual, em termos de aprendizado, não é 20% do que escrevi.

Para finalizar, gostaria de colocar a fala de uma socióloga, Marília Moschkovich, branca, engajada na luta racial e feminista, que traduz de certo modo o meu pensamento:

Quando nascemos, nós, pessoas de pele e fenótipo socialmente lido como “brancos” (doravante aqui denominados apenas “brancos”, pra facilitar a leitura) somos ensinados que existem pessoas negras. Somos ensinados que têm a pele diferente da nossa. Em todas as formas de transmissão de cultura – escola, televisão, conversas em família, entre outros – a cor da nossa pele nunca é tratada como uma questão. É como se não tivéssemos cor. Nesse pensamento está baseada a expressão racista “pessoa de cor”, que pressupõe que nós brancos e brancas não temos cor.

Sem perceber, passamos a vida acreditando verdadeiramente nessa mentira. Quando conseguimos alguma coisa, não associamos a conquista à nossa identidade ou classificação racial, mas a um mérito individual que simplesmente não existe. Isso não quer dizer que nenhum de nós brancos sejamos bons no que fazemos, calma aí. Significa apenas que uma pessoa negra tão boa quanto, ou melhor, ficou de fora na seleção em que nós passamos. Por diversos motivos. Foi quando tomei contato com o feminismo negro de Patricia Hill Collins e Bell Hooks que tomei consciência (não, não é um trocadilho) desses motivos. (MOSCHKOVICH, Marília.)

Ainda sou mera aprendiz no processo de luta feminista ou racial, mas tudo tem que ter um início e o curso do NEAB me ajudou a entender um pouco mais sobre esse processo e essas questões.

### Referência

MOSCHKOVICH, Marília. Consciência Negra para feministas brancas. **Carta Capital**, São Paulo, 20 de nov. 2013. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/consciencia-negra-para-feministas-brancas-7583.html> >. Acesso: 05.01.2017.